

Mário Beirão e Fernando Pessoa: *Lusitânia* intertexto de *Mensagem*

Caio Gagliardi*

Keywords

Fernando Pessoa; Mário Beirão; *Mensagem*; *Lusitânia*.

Abstract

Mário Beirão was one of the jurors of *Antero de Quental Prize* of poetry, which *Mensagem*, by Fernando Pessoa, received. One of Beirão main books, *Lusitânia*, is a key work to understanding the genesis and prominence of *Mensagem*. Besides proposing a comparison between the texts, this article reviews the attribution of that award, the political positioning of the poets and their aesthetic divergences with respect to the Camonian tradition.

Palavras-chave

Fernando Pessoa; Mário Beirão; *Mensagem*; *Lusitânia*.

Resumo

Mário Beirão foi um dos jurados do *Prêmio Antero de Quental* de poesia, no qual estava inscrito *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Um dos principais livros de Beirão, *Lusitânia*, é uma obra-chave para compreender a gênese e o alcance de *Mensagem*. Além de propor uma aproximação entre os textos, este artigo examina a atribuição do referido prêmio, o posicionamento político dos poetas, suas divergências estéticas e com relação à tradição camoniana.

* Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Universidade de São Paulo (USP).

I.

Partamos de um lugar-comum relativo à revista *A Águia*.

Há cem anos estampou-se no número 4 de sua 2.^a série o artigo “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”, assinado por um jovem escritor de 24 anos e ainda distante da celebridade que o próprio artigo antevia. Não foi essa, ao contrário do que afirmaram alguns de seus primeiros críticos, a estreia de Fernando Pessoa nas letras, tampouco isso ocorreu com um texto teórico. Aos 14 anos, Pessoa publicara um poema intitulado “Quando a dor me amargar”, no jornal *O Imparcial*, de 18 de Julho de 1902. Poucos meses depois, no mesmo ano, o Dr. Pancrácio, um pseudônimo seu, publicava charadas em números subsequentes do quinzenal *O Pimpão*, e então surgiram outros textos, poesia e prosa, em língua inglesa, e traduções (cf. Saraiva, 1999: 21-22; Silveira, 1988: 97-105; Pessoa, 2013: 49-53). Lembre-se, ainda, que seu primeiro texto crítico publicado é um ensaio sobre Thomas Babington Macaulay, veiculado pela revista do colégio de Durban, *The Durban High School Magazine*, em dezembro de 1904, intitulado “Macaulay”. Apesar de ainda muito jovem, Pessoa revela nesse ensaio, nas palavras de Alexandre Severino, “pensamento crítico independente, arguto e judicioso” (Severino, 1971: 68).

Houve, portanto, um pequeno histórico de publicações até a data do famigerado artigo d’ *A Águia*. Mas são todas elas publicações restritas a um número exíguo de leitores, e de circulação limitada. O que talvez seja realmente relevante considerar nesse caso, é que estreitar, mais do que simplesmente iniciar, é uma manifestação pública, voluntária e de expressão singular. Nesse sentido, se encararmos a atitude e sua repercussão, o artigo d’ *A Águia* permanece sendo o primeiro momento em que Pessoa efetivamente se lança ao mundo das letras portuguesas.

A estreia de Fernando Pessoa contrasta sensivelmente com a imagem do homem tímido e de personalidade reservada. A natureza messiânica dessas reflexões, mais do que visar ao convencimento, é amiga da ostentação e da polêmica. Bem arquitetada, a estreia de Pessoa é, na verdade, uma encenação pública, um gesto performático.

É nessa habilidosa peça de polêmica que Pessoa anuncia bombasticamente o surgimento em Portugal de um escritor que tomaria o posto de poeta nacional, há mais de três séculos ocupado por Camões. A argumentação com que fundamenta o vaticínio é marcada pela lógica especiosa, de direcionamento teleológico: as grandes literaturas nascem quando uma sociedade, após um período de grave crise, procura se reerguer a partir da tomada de consciência de sua identidade nacional. O jovem escritor de ideias próprias ilustra esse argumento tomando como exemplo o surgimento de Shakespeare, na Inglaterra isabelina, e de Victor Hugo, na França romântica. Portugal passaria por uma fase análoga à que presenteou esses países

com seus vates, isto é, de plena tomada de consciência de sua “essência espiritual” (como, aliás, diria Teixeira de Pascoaes), e assistiria à inesperada chegada de um “supra-Camões”.

Esse inusitado artigo, que estende um pouco mais o capítulo que *A Águia* ocupa na história da literatura portuguesa, ao ser encarado em retrospectiva não prefigura maior mistério. O que faz pensar que Pessoa esteja referindo-se a si próprio como o “Grande Poeta” anunciado é, sobretudo, a constatação de que se considerava um “saudosista original”, seja no sentido de preservar o espírito saudosista, como no de conferir ao movimento caminhos diferentes – e, acrescentemos, porventura mais condizentes com as suas propostas – aos trilhados por seu fundador. Tanto é assim que, em carta enviada a Álvaro Pinto, diretor d’*A Águia*, Pessoa reforça seu compromisso com o movimento, ao afirmar que “a nossa Causa é importante demais para nos estarmos a constituir um partido político ou seita religiosa”, incentivando a tolerância estética e ideológica entre o grupo, e distanciando-se, por outro lado, da perspectiva mais sectária de Pascoaes. Nessa mesma carta, Pessoa se define da seguinte maneira: “Eu – que sou quanto há de mais *renascente* em toda a extensão da alma” (Pessoa, 1999: 80).

Em 1912, o poeta saudosista por direito era Teixeira de Pascoaes. No entanto, Pessoa exclui a possibilidade de identificá-lo como o “Grande Poeta” anunciado, com a seguinte afirmação: “O movimento está ainda no princípio, por isso não produziu ainda nenhum grande Poeta”. Em carta escrita no mesmo ano, endereçada a Boavida Portugal, Pessoa especifica seu juízo sobre Pascoaes:

A literatura de “aspiração” do futuro é inferior sempre, porque é desligada do sentimento de realidade. Isto se verifica muito bem na obra de um poeta só: Teixeira de Pascoaes. Quando ele era poeta puramente do presente, interpretando o espírito da sua raça, produziu a *Vida Etérea*, que contém a, realmente insuperável, *Elegia*. O sonhador do *saudosismo* e futuros brumosos (*sejam esses certos ou não* – o que importa é que para ele não são realidades) não nos dá mais que as complexas falências do *Maranus* e *Regresso ao Paraíso*. (Pessoa, 1999a: 69)

O que fica claro a partir dessas passagens é que se, por um lado, os artigos que o poeta publica na revista fornecem respaldo teórico para justificar o Saudosismo, seguindo as intuições proféticas de Pascoaes, por outro abrem perspectivas transigentes, inauditas para o movimento, chegando, mesmo, a definir, indiretamente, diretrizes para as próprias experimentações poéticas. O amor ao “vago”, ao “sutil” e ao “complexo”, por exemplo, tal como defende em seu artigo de fundo sobre a “nova poesia”, identifica-se com maior adequação a textos próprios, como “Pauis” (publicado primeiramente num díptico ao lado de “Ó sino da minha aldeia”, sob o título geral de “Impressões do Crepúsculo”) e “Na Floresta do Alheamento” (que sairia em pouco tempo na própria *A Águia*). O primeiro biógrafo de Pessoa, João Gaspar Simões, preferiu considerar a estética

“paúlca” (*paulismo* é o nome dessa estética de vida curtíssima criada por Pessoa, e já diluída em poemas de Sá-Carneiro e Almada Negreiros) como uma espécie de “saudosismo intelectualizado”, por se tratar, afinal, de algo já sensivelmente distinto àquilo que se esperava encontrar n’*A Águia*. Desse caminho de depuração, Pessoa fará germinar, em 1934, isto é, depois do fim d’*A Águia* e da *Renascença Portuguesa*, já em plena ditadura salazarista, um dos grandes poemas (ou “livros de poesia”, se assim se preferir encará-lo) em língua portuguesa: *Mensagem*.

A considerar que o referido anúncio tenha sido feito ainda em 1912, isto é, antes mesmo do surgimento dos heterônimos e de todos os seus principais poemas, revela-se já de partida um traço absolutamente distintivo de sua trajetória poética, e que será fartamente justificado por sua produção doutrinária: Fernando Pessoa foi um autor plenamente consciente de seu gênio poético. Era capaz de antever as próprias realizações, tal como um enxadrista que adianta mentalmente os movimentos. Para Pessoa, escrever era, afinal, um gesto com duplo direcionamento, para os seus e para a posteridade:

Se me disserem que é nullo o prazer de durar depois de não existir, responderei, primeiro, que não sei se o é ou não, pois não sei a verdade sobre a sobrevivencia humana; responderei, depois, que o prazer da fama futura é um prazer presente – a fama é que é futura. E é um prazer de orgulho igual a nenhum que qualquer posse material consiga dar. Póde ser, de facto, illusorio, mas seja o que fôr, é mais largo do que o prazer de gosar só o que está aqui.

(Pessoa, 2013: 373-374) (Pessoa, 1999b: 162)

Já nas páginas d’*A Águia*, o poeta revelava uma de suas características principais, que viria a se confirmar por todo o folclore que ele mesmo fomentou a respeito do fenômeno heteronímico: Pessoa foi um exímio construtor de mitos. Essa era, na verdade, uma deliberação de seu espírito criador: “Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade” (1966: 100).

Entretanto, interpretar o “supra-Camões” como auto-anúncio não era uma leitura óbvia em 1912, tampouco nas décadas subsequentes à publicação de seu artigo de estreia n’*A Águia*. E aqui começamos a ingressar mais objetivamente no tema central deste ensaio.

II.

Se hoje custa-nos atribuir o grau de “Grande Poeta” a qualquer outro que não o próprio Fernando Pessoa, é razoável considerar que a maior parte dos leitores d’*A Águia* daquele momento não tenha sequer levantado a hipótese de um auto-vaticínio, sendo levada a aventar, ainda que incertamente, nomes de jovens poetas promissores para ocupar o posto do anunciado, entre eles o de Mário Beirão.

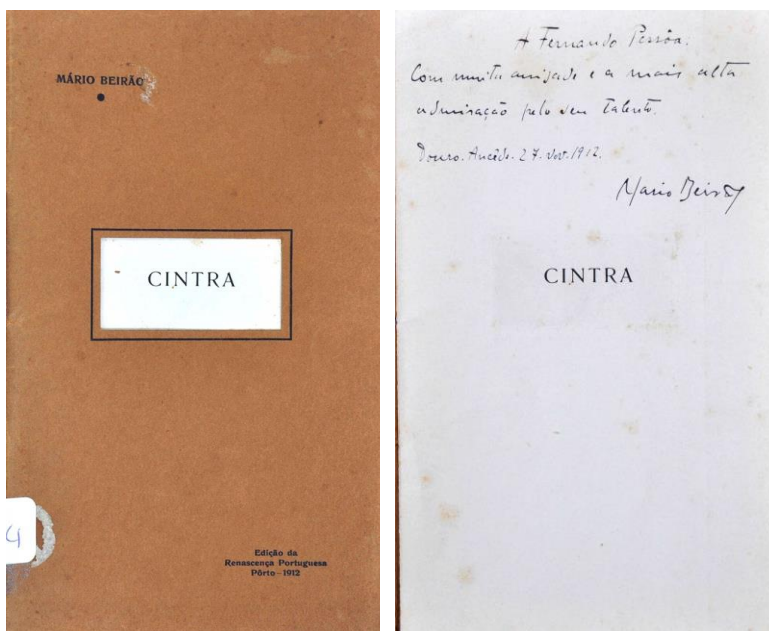
Dois anos mais jovem que Pessoa, Beirão estreou um ano antes que ele, n' *A Águia*, com o poema "As Queimadas", tendo seu primeiro livro, *Cintra*, sido publicado no ano seguinte, em forma de *plaquette*, pela Renascença Portuguesa. Nesse mesmo ano, em carta dirigida ao poeta, Pessoa o compara, ao que parece não por acaso, superlativamente a Keats (o autor de *Hyperion*, já referido como uma possível referência para *Mensagem*), e identifica, com entusiasmo, um processo de franca ascensão criativa no jovem colega: "suba até onde estão os deuses, e receba deles a coroa que não murcha, porque as suas folhas são daquela matéria de que as coisas são divinamente feitas" (Pessoa: 1999a: 60; carta a Mário Beirão, 6-XII-1912). Além disso, em seu segundo artigo na revista, "A nova poesia portuguesa em seu aspecto psicológico", Pessoa menciona três vezes o nome de Beirão, como exemplo da "sutileza", "complexidade" e força "epigramática" da nova poesia realizada em Portugal, destacando dois trechos de seus poemas.

Os autógrafos dos livros com que Beirão presenteou Pessoa e as cartas que este enviou àquele revelam a mútua admiração nutrida entre os poetas. Em mais de um momento da correspondência, Pessoa chega a pedir ao colega que lhe envie seu livro: "Não mudei de casa e aqui terei muitíssimo prazer em receber *O Último Lusíada*. Ansioso e confiado o espero. V. perdoará à minha amizade e admiração que empurrem para o lado a delicadeza e lhe peçam que me mande o livro logo que o tenha pronto e mo possa mandar" (Pessoa: 1999a: 94; carta a Mário Beirão, 8-IV-1913). Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, o exemplar enviado por Beirão traz o seguinte autógrafo, datado de 10 de Abril de 1913: "A Fernando Pessoa. Lembrança de amizade e homenagem da maior admiração pelo teu talento" (Beirão, 1913).¹ Chama ainda a atenção o projeto de uma revista, formulado por Pessoa por volta de 1910, intitulada *Lusitânia*, título homônimo ao volume de poemas publicado por Beirão em 1913. Em seguida, a revista, ainda em planejamento, passou a chamar-se *Europa*, tendo finalmente vingado como *Orpheu* (Pessoa: 2009, 26-28).

Entretanto, considere-se igualmente o curto período por que se estende essa troca epistolar. As sete cartas que apresentam Fernando Pessoa como remetente concentram-se em cerca de um ano e meio, enquanto os autores estão na casa dos vinte e poucos anos. A primeira carta de Pessoa, que é também a mais reveladora da imagem que conforma da poesia de Beirão, data de 6 de dezembro de 1912, e a última, de 19 de Julho de 1914. O mesmo ocorre com os volumes de Beirão presentes na biblioteca de Pessoa. O primeiro, *Cintra* (Figs. 1 e 2), é-lhe enviado no ano da publicação, 1912, e com o segundo, *O Último Lusíada* (Figs. 3 e 4), de 1913, ocorre o mesmo, sendo que ambos apresentam dedicatória do autor e anotações de leitura de Pessoa; já o terceiro volume ali presente, *A Noite Humana*, de 1928 (distante, portanto, do período no qual se concentra a correspondência, Fig. 5), não

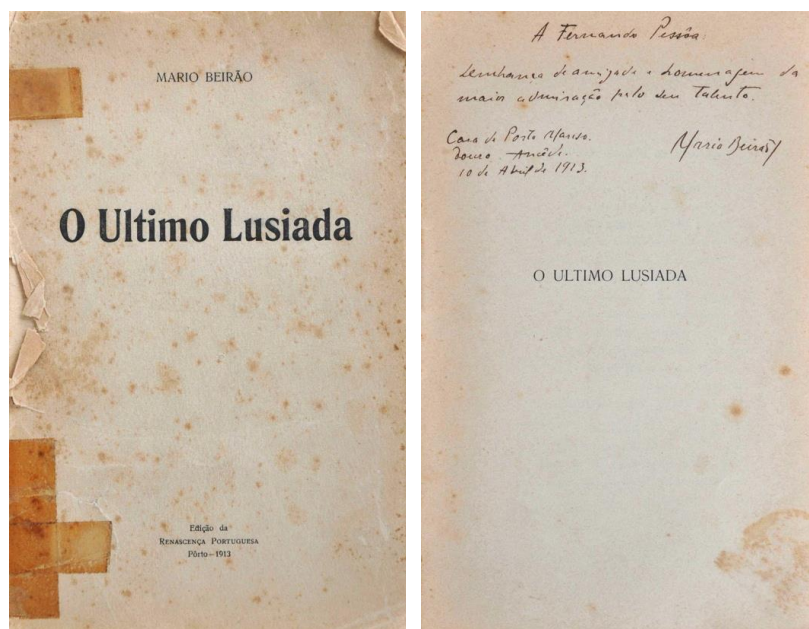
¹ Ver *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa / Fernando Pessoa's Private Library* (Pizarro, Ferrari, Cardiello, 2010: 190) e este link: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-35>.

apresenta dedicatória ou anotações. Ainda que não tenhamos encontrado, até o momento, documentação mais conclusiva sobre o tema, esses dados, referentes aos autógrafos e à correspondência entre os autores, parecem-nos desenhar a trajetória de contato entre os poetas, caracterizada por um tão imediato como efêmero entusiasmo mútuo, seguido de um distanciamento que perdurou por duas décadas, isto é, até a morte de Pessoa, em 1935.



Figs. 1 e 2. Casa Fernando Pessoa, 8-33.

<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-33>



Figs. 3 e 4. Casa Fernando Pessoa, 8-35.

<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-35>

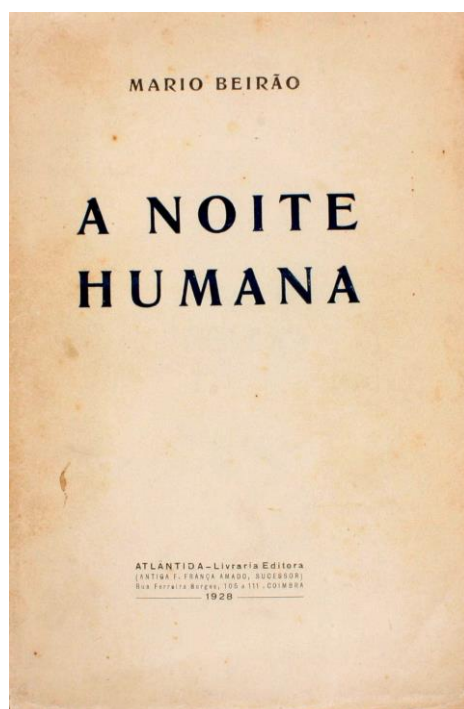


Fig. 5. Casa Fernando Pessoa, 8-34.

<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-34>

Tomando essa provável trajetória por base, seria já, portanto, num momento em que os poetas não mais mantêm contato entre si que Mário Beirão compõe o júri do “Prêmio Antero de Quental” de poesia, em 1934, oferecido pelo Estado Novo, e no qual Pessoa estava inscrito com *Mensagem*. A julgar pela natureza de seus primeiros livros, teria, aliás, o próprio Mário Beirão concorrido ao prêmio com os seus *O Último Lusíada* ou *Lusitânia*, não tivessem sido publicados duas décadas antes.

É interessante notar que, à época desse concurso, o juiz de *Mensagem* é já também um Mário Beirão pública e notoriamente simpático ao Estado Novo, o mesmo que em três anos comporia o tristemente afamado “Hino da Mocidade Portuguesa”. Ao passo que se pode afirmar o contrário de Pessoa, a essa altura de sua obra já tendo escrito dezenas de páginas, entre prosa e poesia, anti-salazaristas. A aversão de Pessoa ao salazarismo, aliás comumente ignorada, está bem compilada em *Contra Salazar*, de António Apolinário Lourenço, e em diversos artigos de José Barreto. Se, de fato, no início de seu governo Salazar despertava certa empatia em Pessoa, torna-se, à medida que se revela autoritário em suas medidas e restritivo com relação à liberdade artística, alvo constante da chacota e do ataque do mesmo. Entre as referências jocosas do poeta ao ditador, lemos num poema datado de 29 de Março de 1935:

Este senhor Salazar
 É feito de sal e azar.
 Se um dia chove,
 A água dissolve
 O sal,
 E sob o céu
 Fica só o azar, é natural.
 Oh, c'os diabos!
 Parece que já choveu...

(Pessoa, 2000: 196) (Pessoa, 2008: 21)

Quanto ao “Interregno”, publicado em 1928, por uma *persona* literária extravagante, íntima da dos demais manifestos, como o que anunciara o “supra-Camões”, e que engendraria uma suposta defesa da ditadura militar em Portugal, cabe salientar, ainda que de passagem, e apenas para efeito de esclarecimento, o seu caráter acentuadamente polemista e irônico, e, a bem dizer, até hoje pouco referido desse modo, como explica José Barreto (2012). O livreto de Pessoa apresenta como aviso inicial a seguinte passagem: “Escrevemos estas páginas num tom, num estilo e numa forma propositadamente antipopulares, para que o opúsculo, por si mesmo, eleja quem o entenda”. E encerra do seguinte modo: “Nem há hoje quem, no nosso país, ou em outro, tenha alma e mente, ainda que combinando-se, para compor um opúsculo como este. Disto nos orgulhamos”. Pessoa parecia dizer, com isso, que, para o bom entendedor, meia palavra basta. Entretanto, o tom fortemente irônico do texto parece não ter bastado para que se compreendesse sua real intenção. Tanto que, em Março de 1935, redige uma nota autobiográfica, na qual afirma: “O folheto ‘O Interregno’, publicado em 1928 e constituído por uma defesa da Ditadura Militar em Portugal, deve ser considerado como não existente. Há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito” (2011: 193-194). Bem se vê, por esse, necessariamente pequeno, apanhado, que, em 1934, Pessoa e Beirão não eram apenas ex-amigos, mas escritores que haviam optado seguir por caminhos politicamente conflitantes.

Essas divergências se estendem, com ainda maior clareza, ao plano estético de suas obras, sendo este o foco central deste ensaio. Embora não seja comum encontrar na correspondência de Pessoa um tal nível de elogios destinados a um único poeta, como os que endereçara a Beirão mais de duas décadas antes, é também verdade que tanto naquela, como nas demais cartas destinadas aos escritores de sua geração, Pessoa assume a posição de crítico experiente, valendo-se de uma bagagem intelectual mais diversificada para tecer observações críticas, sugerir caminhos e indicar desvios. Ao propor comparações sem senso de proporção, mas com finalidade bastante consciente (Beirão seria superior a Keats; Junqueiro a Camões, por exemplo), não deixa de indicar defeitos nesses jovens promissores, que lhe parecem se encontrar numa etapa ainda inicial de seu desenvolvimento artístico.

Após o desligamento completo de Pessoa com *A Águia* e o subsequente lançamento da *Orpheu*, Beirão, por seu turno, mantém publicação regular na revista, e se mantém à distância da rebeldia lírica, fiel aos princípios saudosistas, a que acrescenta um acento marcadamente romântico.² Pode-se considerar que, depois de Pascoaes, Beirão é o poeta mais representativo desse ideário:

Com efeito, Mário Beirão, além de ser o poeta mais genuíno da geração saudosista e o único que de algum modo se conservou fiel ao nacionalismo filosófico, de entre todos também é o que mais perto está de Pascoaes, graças à natureza de seu estro, onde há, ao mesmo tempo, vago e abstração, transcendentalismo e panteísmo, tudo caldeado numa forma que, nem por apresentar muitos caracteres pessoais, deixa de refletir a genialidade do mestre da “Renascença Portuguesa”.

(Simões, 1959: 345)

Mas, sendo justamente este o objeto de atenção deste ensaio, consideremos, por enquanto, que, por ocasião do Prêmio Antero de Quental, era o autor de *Lusitânia* o juiz de *Mensagem*. E que, ao que nos parece (já que não há como se comprovar esse dado, perdidas que estão as atas do julgamento), seu voto muito provavelmente favoreceu o vencedor do prêmio, o livro de poemas *Romaria*, de Vasco Reis, ex-frade franciscano e poeta de ocasião.³

III.

Lembremos, a propósito, que *Mensagem*, cujo título original era, até imediatamente antes de ser estampado, *Portugal*, consta de alguns projetos de publicação da obra de Pessoa, e que o autor publicou os poemas relativos à segunda parte do livro, “Mar Português”, com exceção a um, em 1922, no n.º 4 da revista *Contemporânea*. Trata-se de um projeto longo, portanto. Apesar disso, Pessoa teria escrito (ou reescrito), a confiar nas datas que acrescentou à primeira edição já impressa, dez dos 44 poemas de *Mensagem* apenas nos primeiros meses de 1934.

A realização do prêmio foi anunciada em 29 de novembro de 1933, e Pessoa possivelmente soube disso com antecedência, já que não só o diretor do órgão fomentador do prêmio, o SPN (Secretariado da Propaganda Nacional), era António Ferro, admirador e amigo de Pessoa, como havia na mesma repartição outros amigos seus, entre os quais Almada Negreiros e Augusto Ferreira Gomes, autor de *Quinto Império* (1934), prefaciado por Pessoa. Como se não bastasse o vínculo entre

² Para uma apresentação diassincrônica da poesia de Beirão, cf. o prefácio de José Carlos Seabra Pereira, in Mário Beirão, *Poesias Completas* (1996: 15-47). Já para um enquadramento mais completo do autor na estética neo-romântica, cf., também de Seabra Pereira, *O Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa: 1900-1925* (1999).

³ Consulte-se, a esse respeito, o bem documentado artigo de José Blanco, que descreve o concurso como um *lobby* em três etapas: “A Verdade sobre *Mensagem*” (2007).

as partes, as inscrições ao prêmio tiveram a data final alterada de 1 de Julho para 31 de Outubro de 1934, ao que consta sob ordem de António Ferro, justamente para que Pessoa tivesse tempo hábil de concorrer.

Na famosa carta dirigida a Casais Monteiro, a 13-01-1935, Pessoa refere-se ao prêmio do seguinte modo:

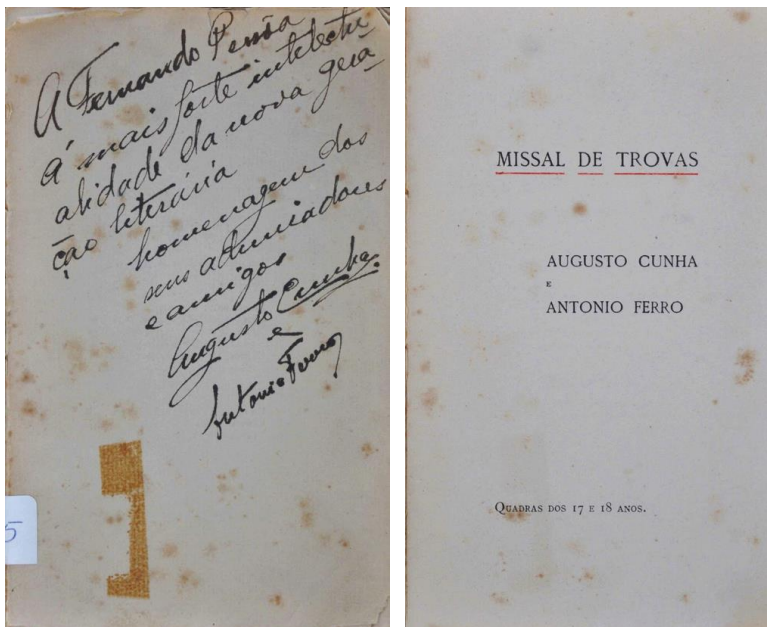
Como estava prompto, incitaram-me a que o publicasse: accedi. Nem o fiz, devo dizer, com os olhos postos no premio possivel do Secretariado, embora nisso não houvesse peccado intellectual de maior. O meu livro estava prompto em Setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao premio, pois ignorava que o praso para entrega dos livros, que primitivamente fôra até fim de Julho, fôra alargado até fim de Outubro. Como, porém, em fim de Outubro já havia exemplares promptos da "Mensagem", fiz entrega dos que o Secretariado exigia. O livro estava exactamente nas condições (nacionalismo) de concorrer. Concorri.

(Pessoa, 1998: 251-252)

Não são poucos os estudiosos no tema que especulam – com alta probabilidade de acerto, a meu ver – a respeito da criação do concurso como conspiração para aliviar a péssima situação financeira que, tal como documentam suas cartas, Pessoa enfrentava à época. O “incitaram-me a que o publicasse”, conforme narra a Casais Monteiro, alimenta, afinal, essa hipótese. O sujeito indeterminado da frase ocultaria os próprios membros do secretariado. O que Pessoa sugere a Casais Monteiro, entretanto, é que o livro ficou pronto antes de pensar em concorrer ao prêmio, e que, como coincidentemente atendia às condições do concurso, concordou em concorrer. É uma versão pouco verossímil. Aliás, o próprio Pessoa, na mesma carta, tende a jogar ambigualmente com o que afirma: “embora nisso não houvesse peccado intellectual de maior”. Cometia, na carta, outro pécadilho, afinal. Assim, mesmo ciente do prazo de entrega do livro, perde-o, e o prazo é, em decorrência, estendido. O júri, por fim, que era composto, não pelos membros do secretariado, mas por dois poetas (entre os quais, Mário Beirão) e dois críticos literários de Lisboa, elege outro livro como vencedor, e decide-se atribuir a Pessoa o Prémio de “Segunda Categoria” (expressão, aliás, que fez correr muita tinta) destinado a “Poema ou Poesia Solta”, elevado de última hora de 1.000 para 5.000 escudos. Sendo o júri independente, caberia a António Ferro o voto de Minerva em caso de empate.

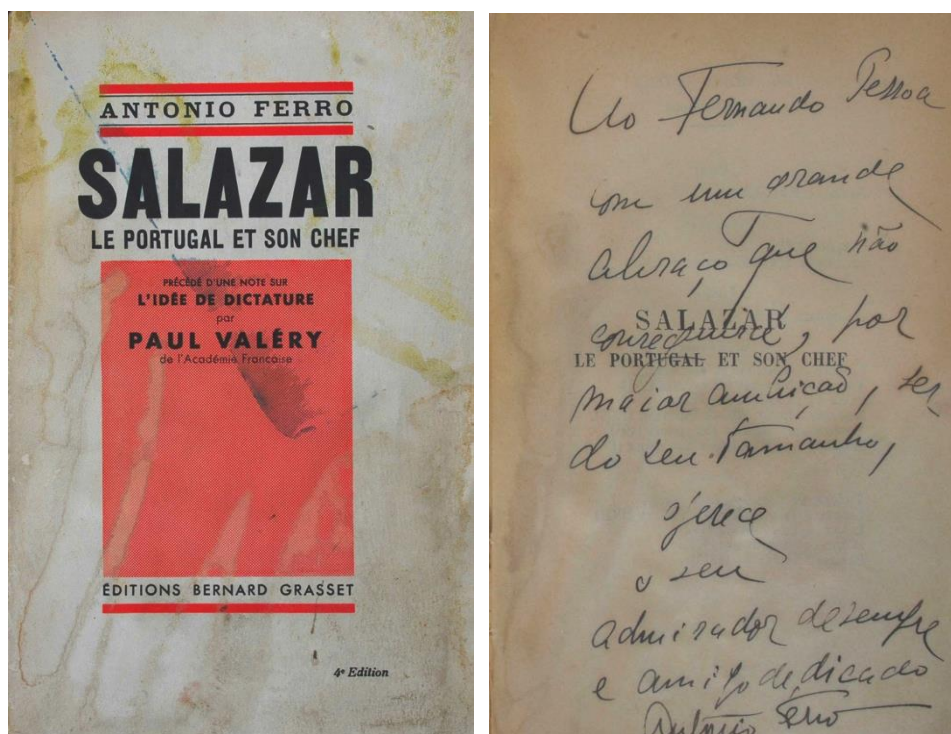
Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa há nada menos que cinco livros de Ferro (este, é claro, salazarista de carteirinha), sendo que um deles, *Missal de Trovas*, de 1914, escrito em co-autoria com Augusto Cunha, contém um pequeno texto com a opinião de Pessoa a seu respeito. O autógrafo de António Ferro e Augusto Cunha dispensa comentários: “A Fernando Pessoa | á mais forte intelectualidade da nova geração literária | homenagem dos seus admiradores e amigos | Augusto Cunha e Antonio Ferro” (Figs. 6 e 7).

Já na edição francesa do livro intitulado *Salazar*, com que Ferro presenteia Pessoa, em 1934, lemos: “Ao Fernando Pessoa | com um grande abraço que não conseguirá, por maior ambição, ser do seu tamanho”, assinado pelo “admirador de sempre e amigo dedicado | Antonio Ferro” (Figs. 8 e 9).



Figs. 6 e 7. Casa Fernando Pessoa, 8-134.

<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-134>



Figs. 8 e 9. Casa Fernando Pessoa, 9-75MN.

<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/9-75MN>

Vale a pena lembrar que o nome de Ferro está estampado na revista *Orpheu*, n.º 1, como seu “Editor”. Não é novidade que aquele jovem de gosto modernista, trazido à revista por Mário de Sá-Carneiro (seu amigo, aliás, dos tempos de escola), e então com 20 anos, não a editou de fato. Ferro se posicionava como um discípulo de Pessoa e Sá-Carneiro, e, apesar de ter estreado no ano anterior com *Missal de Trovas*, era considerado ainda imaturo pelos colegas. Por esse motivo, preferiram, a publicar seus poemas na revista, atribuir-lhe o cargo (fictício) de editor. (Cf. Silva, 2008: 280; Pessoa, 2009: 87-91).

Era Ferro, reiteremos, o responsável pelo referido concurso literário.⁴

IV.

Chegamos, a esta altura, à pergunta-chave desta reflexão: o que Mário Beirão, na ocasião do julgamento do Prêmio Antero de Quental, encontrou em *Mensagem*?

O que deve ter chamado imediatamente a sua atenção na obra de Pessoa é a decisão por reescrever poeticamente a história de Portugal segundo uma seleção de nomes que, em boa parte, coincidem com aquela que figura em *Lusitânia*, de 1913. Em ambos os livros, deparamo-nos, afinal, com as figuras de Viriato, D. Afonso Henriques, D. Fernando, Dom Sebastião, Nun’Álvares Pereira, Afonso de Albuquerque, Infante D. Henrique e Vasco da Gama. Essa seleção não é, claro está, episódica nos livros, posto que, em ambos os casos, há poemas inteiros dedicados à maior parte dessas figuras históricas.

Tão evidente quanto as coincidências históricas entre os livros é a escolha temática de muitos poemas. Há uma relação óbvia entre “O Mar”, “Sagres”, “Índia” e “Alcácer-Quibir”, de *Lusitânia*, e toda a segunda parte de *Mensagem*, intitulada “Mar Português”. Do mesmo modo, o mito de D. Sebastião é explorado nos poemas “Aquela Madrugada”, “O enviado” e “O Regresso”, de *Lusitânia*, e na terceira parte de *Mensagem*, intitulada “O Encoberto”, especificamente os poemas agrupados em “Símbolos”, como “D. Sebastião”, “O Desejado” e “O Encoberto”.

De uma perspectiva mais minuciosa, não deve ter passado despercebida a Mário Beirão a notável semelhança entre os versos com que ambos os autores se referem ao Infante D. Henrique, conhecido pelo cognome *O Navegador*, por ter sido o mais importante organizador da expansão ultramarina portuguesa, e fundador

⁴ José Blanco considera que o concurso foi uma conspiração de pelo menos quatro amigos do poeta: Augusto Ferreira Gomes, Augusto Cunha, Almada Negreiros e António Ferro. Segundo o estudioso: “O Director do S.P.N., antigo companheiro de Pessoa dos tempos do *Orpheu*, tinha todo o interesse político em reconhecer oficialmente o talento de Pessoa tornando-o, pelo menos na aparência, um escritor não desafecto à ‘Situação’. Sabe-se hoje que esse seu interesse em ver Pessoa concorrer e ganhar o Prémio Antero de Quental, o levou ao ponto de adiantar, do ‘saco azul’ do Secretariado, o dinheiro necessário para a composição e impressão da *Mensagem*, como há anos me revelou o pintor Paulo Ferreira, à época jovem colaborador do S.P.N.” (2007: 149).

da Escola de Sagres.⁵ Pouco mais de duas décadas depois de ter escrito “E há um instante supremo em que ele cuida | Suster nas mãos o Mundo”, referindo-se ao Infante que sonha com “impérios infinitos”, no poema “Sagres”, de *Lusitânia*, Beirão deparava-se com “O único imperador que tem, deveras, | O globo mundo em sua mão”, no poema “Infante D. Henrique”, de *Mensagem*.⁶

O poeta não terá deixado de reparar, possivelmente, no eco que os, até então ilustres desconhecidos, versos de Pessoa, “Ó mar salgado, quanto do teu sal | São lágrimas de Portugal?”, produzem sobre o seu “Mar de todas as lágrimas, profundo”. Tampouco terá ignorado o parentesco entre os títulos, “Mar português” e “O Mar”, respectivamente.

Podemos presumir que Beirão terá atentado para a presença, em *Mensagem*, de um poema intitulado “D. Dinis”, o rei-poeta, autor da citação que o próprio Beirão faz no primeiro verso do soneto que serve de epígrafe a *Lusitânia*: “Vales de verdes pinos tão sozinhos”, que remete, afinal, ao mais célebre verso de D. Dinis, “Ay flores, ay flores do verde pino”. É notável, ainda, a semelhança que os seguintes versos de “D. Dinis”, de *Mensagem*, “E a fala dos pinhais, marulho obscuro, | É o som presente desse mar futuro, | É a voz da terra ansiando pelo mar.”, produzem com a seguinte passagem de outro poema de *Lusitânia*, intitulado “Dom Sebastião” (de título homônimo, aliás, a um poema de Pessoa): “Por ti, as ondas quebram a chorar, | Os sinos, à tardinha, tangem ais, | E marulham saudades os pinhais!”

Esse emaranhado entre os livros é pequeno, decerto, em comparação com aquilo que deve ter despertado o interesse de Beirão durante a leitura de *Mensagem*.

Se traçarmos, no entanto, uma linha do tempo para os livros, visualizaremos com clareza uma diferença significativa no que diz respeito ao período recoberto por cada um. *Lusitânia* cobre cinco séculos. Apresenta como ponto de partida o final do séc. XIV, cujo grande vulto é o chefe militar medieval, o Santo Condestável, Nun’Álvares Pereira (1369-1431), e estende-se até o final do século XIX, com o poeta António Nobre (1867-1900). Já em *Mensagem*, se considerarmos a origem mítica de Lisboa, evocada em “Ulisses”, o poema remonta ao século VIII a.C, em seguida apresenta um dos mais remotos heróis lusitanos, anterior ainda à constituição do território nacional, o pastor montanhês Viriato (?-139 a.C.), que sublevou o povo contra os invasores romanos no séc. II a.C., e prossegue a partir do Conde D. Henrique (1057-114), já com saltos seculares, e não milenares. O

⁵ Recorri à primeira edição de *Lusitânia*, tendo também cotejado o exemplar lido por Pessoa (com acesso restrito na Casa Fernando Pessoa). Mário Beirão, *Lusitânia*. Porto: Editora Renascença Portuguesa, 1917.

⁶ Após ter escrito este ensaio, Jerónimo Pizarro lembrou-me do artigo de Vasco Graça Moura (2009) publicado no *Diário de Notícias*, em que já assinalava, na esteira de David Mourão-Ferreira, a necessidade deste estudo: “David Mourão-Ferreira nota a importância de Beirão para a poesia de Pessoa, dizendo que, através de um dos veios da sua poesia, se manifesta naquele ‘o mais directo precursor do Fernando Pessoa da *Mensagem*’. É esta uma perspectiva que interessaria desenvolver”.

recorte se estende até o século XVII, com o padre António Vieira (1608-1697). Concentra-se, portanto, num período de sete séculos, embora remonte, considerando-se sua origem mítica, a milênios antes do período de escrita do livro.

Com base nessa comparação, identificamos três características básicas nos recortes históricos realizados pelos poetas: 1. Pessoa recua até onde é possível recuar, valorizando sobremaneira o período anterior ao século XIV (em especial os três séculos imediatamente anteriores), ignorado por Beirão; 2. ambos os poetas enfatizam o período que se estende entre os séculos XV e XVII, majoritariamente relativo às navegações; 3. Beirão valoriza o período posterior ao século XVII, chegando até o final do XIX, desprezado por Pessoa.

A mitificação das origens, presente em ambos os livros, a exemplo de muitos escritos de outros autores d'*A Águia*, cumpre o papel de oferecer o modelo, mais divino que humano, em que deve se basear a recondução nacional. Nesse processo, Pessoa recua até o mito de Ulisses, o plano lendário, portanto, que sintetiza, com o axioma "O mito é o nada que é tudo", um processo de conversão que parte de Viriato e chega até António Vieira. Essas figuras, situadas no plano concreto e finito da história, transformam-se em matéria perene, espiritualizada. Seus feitos são, assim, elevados para além de suas circunstâncias, e universalizados. Com margens temporais diferentes, mas com claros e significativos pontos coincidentes, *Lusitânia* e *Mensagem* adotam esse mesmo procedimento: o de suspender a linearidade temporal e, pela fusão do passado com o presente, projetar o futuro – o mesmo aliás – para Portugal. *Lusitânia* e *Mensagem* são obras, afinal, sobre o futuro do passado.⁷

A alcunha de "poeta da ausência", tal como ficou conhecido Mário Beirão, poderia ser igualmente conferida ao autor de *Mensagem*, não fosse essa uma única faceta deste, enquanto se reafirma, livro após livro, como sendo a única daquele.

Subjacente às obras está a concepção de que o estado de letargia em que havia mergulhado o Portugal pós-Ultimatum encontraria na matéria do passado os alicerces do futuro. Assim, a poesia inspirada numa visão, em ambas as obras, invariavelmente heróica da história, assume a função de glorificar os redentores da nação. É o que Teixeira de Pascoaes faz, por exemplo, com uma dessas personagens, lembrada de passagem em *Lusitânia*, e com lugar de honra em *Mensagem*: "Houve um momento em que no meio dessa confusão rumorosa e guerreira, se destacou uma voz proclamando um Povo, gritando a Alma d'uma Raça: foi a voz de Viriato" (Pascoaes, 1978: 80). O poeta passa a ser encarado utopicamente, como a figura central desse renascimento. É ele, por exemplo, segundo o criacionismo de Leonardo Coimbra, "o ponto de contato da nossa pobre alma quotidiana com a nossa efêmera alma sublime" (Coimbra, 1984: 18-19). Condizentes com essa visão, a perspectiva diretora dos poemas torna-os livros de

⁷ Veja-se a este respeito a "tentativa de interpretação" de Onésimo Teotónio Almeida, que a Gradiva publicou, revista e aumentada, sob o título *Pessoa, Portugal e o Futuro* (2014).

incitação. *Lusitânia* e *Mensagem* são reptos. Beirão e Pessoa assumem-se, enquanto poetas, como agentes de transformação.

Embora criada essa atmosfera de confiança no futuro, está claro que uma barreira de difícil transposição se impõe à mentalidade saudosista: como elevar o Portugal real à altura do Portugal mítico. Esse plano da realidade está, entretanto, em suspensão em *Lusitânia* e *Mensagem*, transfigurado pela visão utópica da história. Daí a atmosfera nebulosa e espectral que recobre os poemas. Obras, portanto, que comungam da mesma metafísica idealista, os livros de Beirão e Pessoa apresentam, embora com recortes históricos nem sempre idênticos, um percurso convergente, que parte da exaltação mítica do passado histórico rumo à glorificação messiânica do homem futuro, ambos sublinhando o esperado retorno de D. Sebastião.

Lusitânia é claramente um *parent poem* de *Mensagem*, e afirmar isso não significa mais do que dizer que, mais velho que é, serviu-lhe como referência poética recente. Trata-se, sem dúvida, de uma das obras mais representativas do ideário saudosista. Se considerada à luz de seu repertório cultural, ocupa uma posição nuclear e de alta relevância poética. E não será demais considerar que sua aproximação com *Mensagem* confere-lhe uma visibilidade ainda maior do que a sua inserção histórica deveria lhe proporcionar. Entretanto, quase um século depois da publicação do livro, esse mesmo repertório que o alimenta também é responsável por delimitar suas fronteiras, em cujo território se aloja o “bom português”, de que falava Pascoaes. A recorrente narratividade dos poemas, de indisfarçado apego histórico, produz em *Lusitânia* um lirismo romanceado, distensor, disperso no gosto pelo episódico e no embalo ritmado dos versos. Seu desnivelamento com relação à poética de alta concentração lírica e à força axiomática que caracterizam a obra de que se aproxima, estende-se à impossibilidade de atingir, senão acidentalmente, aqueles temas mais gerais: o homem, a providência, a criação, o destino e a aventura da existência. Temas estes axiais em *Mensagem*.

À luz de *Mensagem* (1934), *Lusitânia* não é, evidentemente, a única nem a principal de suas referências. Há, bem sabemos, uma outra, de proporções descomunais e 362 anos mais velha: *Os Lusíadas* (1572). Esta outra, entretanto, apresenta-se em *Mensagem* como um espectro constante, sujeito oculto, propositadamente omitido, ao passo que encontra em *Lusitânia* um altar, pelo regime de louvação explícita, de evocação obsedante adotado por Beirão.

Já em *Mensagem* não se lê o nome de Camões. Essa é, entretanto, uma ausência presumida, admitida como verdadeira em razão apenas da ausência do nome, e que não passa de um mito alimentado por aqueles que reclamam, na verdade, uma confissão de descendência. Essa mitologia da ausência apresenta, como um de seus grandes momentos, o trecho a seguir:

Tivesse Ricardo Reis saído nessa noite e encontraria Fernando Pessoa na Praça Luís de Camões [...] Quis Fernando Pessoa, na ocasião, recitar mentalmente aquele poema de *Mensagem* que está dedicado a Camões, e levou tempo a perceber que não há na *Mensagem* nenhum poema dedicado a Camões, parece impossível, só indo ver se acreditava, de Ulisses a Sebastião não lhe escapou um, nem dos profetas se esqueceu, Bandarra e Vieira, e não teve uma palavrinha, uma só, para o Zarolho, e esta falta, omissão, ausência fazem tremer as mãos de Fernando Pessoa, a consciência perguntou-lhe, por quê, o inconsciente não sabe que resposta dar, então Luís de Camões sorri, a sua boca de bronze tem o sorriso inteligente de quem morreu há mais tempo, e diz, Foi inveja, meu querido Pessoa...

(Saramago, 1988: 351-352)

Na genealogia de *Mensagem* escaparam sim alguns. Há, afinal, os que estão ausentes de fato, como Gil Vicente e D. Manuel I, de quem se poderia reclamar o direito à ancestralidade. Já a épica camoniana é um texto a tal ponto hegemônico que dificilmente se poderá encontrar um autor mais referenciado do que Camões em qualquer outra instância da obra de Pessoa. A bem considerar, não há em *Mensagem* um poema dedicado a Camões, porque essa seria uma opção redundante num livro que é todo um poema escrito à luz de Camões.

E talvez seja essa a diferença mais marcante entre *Mensagem* e *Lusitânia*. Note-se bem, ao destinar a Camões o papel de sujeito oculto em *Mensagem*, um sujeito constante embora inominado, Pessoa não está, afinal, rasurando *Os Lusíadas*. O que ele realiza, mais propriamente, é a rasura da obra mais recente, que levava à exaustão o procedimento oposto, não a réplica, mas a reverência. O que Pessoa realiza, isto sim, é o apagamento daquela obra que se inicia, justamente, com um longo poema intitulado “O reino de Camões”. Alheio ao princípio da veneração, *Mensagem* já nos apresenta o reino de Pessoa.

Bibliografia

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2014). *Pessoa, Portugal e o Futuro*. Prefácio de George Monteiro. Lisboa: Gradiva.
- BARRETO, José. “A publicação de ‘O Interregno’ no contexto político de 1927-1928”, *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 2, Outono de 2012, pp. 175-207.
http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issu e2/PDF/I2A06.pdf
- BEIRÃO, Mário (1996). *Poesias Completas*. Edição de António Cândido Franco e Luís Amaro; prefácio de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Biblioteca de Autores Portugueses.
- ____ (1917). *Lusitânia*. Porto: Editora Renascença Portuguesa.
- ____ (1913). *O Último Lusíada*. Porto: Renascença.
<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-35>
- BLANCO, José (2007). “A Verdade sobre *Mensagem*”, in *A Arca de Pessoa: novos ensaios*. Steffen Dix e Jerónimo Pizarro, organizadores. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 147-158.
- COIMBRA, Leonardo (1984). *Dispersos*, vol. I *Poesia Portuguesa*. Edição de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel. Lisboa: Verbo.
- FERRO, António; CUNHA, Augusto (1914). *Missal de Trovas*. Lisboa: Livraria Ferreira.
<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-134>
- ____ (1934). *Salazar: le Portugal et son chef*. Précédé d’une note sur l’idée de dictature par Paul Valéry. Traduit par Fernanda de Castro. Paris: Bernard Grasset.
<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/9-75MN>
- GOMES, Augusto Ferreira (1934). *Quinto Império*. Prefácio de Fernando Pessoa. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-228>
- GRAÇA MOURA, Vasco. “Notas sobre a *Mensagem*”, in *Diário de Notícias*, 9, 16 e 23 de Dezembro de 2009. Cita-se a primeira nota.
- (1) http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=1442321&seccao=Vasco
- (2) http://www.dn.pt/inicio/opiniao/Interior.aspx?content_id=1448376&seccao=Vasco%20Gra%20Moura&tag=Opini%3o%20-%20Em%20Foco//index.html
- (3) http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=1454241&seccao=Vasco%20Gra%20Moura&tag=Opini%3o%20-%20Em%20Foco&page=-1
- PASCOAES, Teixeira de (1978). *Arte de Ser Português*. Lisboa: Delraux. 3.ª ed.
- PEREIRA, José Carlos Seabra (1999). *O Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa: 1900-1925*. Tese de Doutoramento. Coimbra: 1999.
- PESSOA, Fernando (2013). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta da China. Coleção Pessoa.
- ____ (2013). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa e Rio de Janeiro: Tinta da China. Coleção Pessoa.
- ____ (2011). *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição, posfácio e tradução de José Barreto. Lisboa: Ática. Nova Série das Obras de Fernando Pessoa. Coordenação, Jerónimo Pizarro.
- ____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. 10. Integra o texto revelado por François Cortex, “Um Inédito de Fernando Pessoa, in *Colóquio*, n.º 48, Abril de 1968, pp. 59-61.
- ____ (2008). *Contra Salazar*. Organização de António Apolinário Lourenço. Coimbra: Ângelus Novus.

- ____ (2000). *Poemas de 1934-1935*. Edição de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. 1, tomo 5.
- ____ (1999a). *Correspondência 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras.
- ____ (1999b). *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ____ (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Edição e Estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, coleção "Estudos", vol. 3.
- ____ (1974). *Obra em Prosa*. Edição de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Aguilar.
- ____ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- ____ (1928). "O Interregno: defeza e justificação da ditadura militar em Portugal". Lisboa: Núcleo de Ação Nacional.
<http://purl.pt/13962>.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010) *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa / Fernando Pessoa's Private Library*. Lisboa: D. Quixote.
- SARAIVA, Arnaldo (1999). *Fernando Pessoa, Poeta-Tradutor de Poetas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SARAMAGO, José (1988). *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SEVERINO, Alexandre (1971). "A primeira publicação literária de Fernando Pessoa", in *Hispania*, vol. 54, n.º 1., Março, pp. 68-72.
- SILVA, Manuela Parreira (2008). "Ferro, António", in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Fernando Cabral Martins, organizador. Lisboa: Caminho.
- SILVEIRA, Pedro da (1988). "Fernando Pessoa: a sua estreia aos 14 anos e outras poesias de 1902 a 1905", in *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 3, n.º 3. Set.-Dez, pp. 97-121.
- SIMÕES, João Gaspar (1959). "O Saudosismo ou o Renascimento Nacionalista (1912-1915)", in *História da Poesia Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.